

A RESPONSABILIDADE DA PROMOÇÃO DA LITERATURA INFANTIL: EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO PROJETO DE EXTENSÃO “ERA UMA VEZ”.

COSTA, Itaene Duarte (Graduanda/UERN)

MEDEIROS, Hudson Harison Holanda (Graduando/UERN)

NASCIMENTO, Isac Torres (Graduando/UERN)

SILVA, Fernanda Alves (Graduanda/UERN)

BRASIL, Maria Ghisleny de Paiva (Professora/UERN)

Introdução

O estímulo à leitura é um dos temas mais tratados na área educacional nas últimas décadas, e vem despertando crescente empenho da comunidade escolar, este tema é de grande importância quando nos referimos à educação através da leitura e dos conhecimentos adquiridos no contato com os livros.

Embora o livro infantil muitas vezes seja encarado como um “brinquedinho” divertido para crianças, nunca com a seriedade merecida, é no primeiro contato com o livro que a criança começa a despertar as suas noções articuladas em um mundo de magia, desejos e sonhos. A literatura mexe com o imaginário das crianças, é uma arte, e como tal, é a forma pela qual o indivíduo se expressa e cria novos mundos através da imaginação e da fantasia. O artista literário molda a realidade de tal forma que faz o leitor pensar que está lendo a própria realidade, fazendo com que a educação vá além dos horizontes de cada aluno. E ser consciente de que a leitura deve fazer parte da educação de todos, pode igualmente ser uma função exercida em conjunto, pois através da leitura podemos ter o desejo de compor um ser humano crítico e construtor de suas próprias ideias.

Presentemente as bibliotecas nas escolas são esquecidas tanto por alguns professores como pelos estudantes. Quando falamos em espaços de leituras no recinto escolar, nos conduz ao conceito de um espaço não muito frequentado, com variados livros envelhecidos e cheios de poeira, e avisos de “silêncio”. Uma biblioteca bem organizada e que aprecia os diversos gostos pela leitura, é o lugar essencial para introdução educativa proferida nos livros, sendo motivador onde a criança aprende a gostar de ler, e se interessa pelas explicações das histórias.

Nesse sentido este artigo tem como objetivo analisar e relatar a responsabilidade de promover a literatura infantil, os seus desafios de estímulo à leitura, como também mostrar alguns relatos das experiências vividas na atuação de um programa de leitura a qual atende as crianças do ensino infantil e anos iniciais e capacitação de professores de ambas as turmas, e

que a cada dia constrói um novo cidadão através do Projeto de Extensão “Era uma vez...”. Para Construir este artigo, vamos utilizar os seguintes autores: Abramovich (1991), Martins (1994), Bettelheim (1979), Benjamin, (1994), Morais (2002), entre outros que discutem a leitura por prazer e o ensino de literatura.

Munidos desta forma de compreensão, e que a leitura é uma das bases mais importantes do conhecimento, acreditamos que a promoção da literatura, é importante enquanto experiência na classe escolar, fazendo com que o alunado faça viagens nas entrelinhas de suas próprias explanações impostas ao livro. Conexões estas convidativas à compreensão e a outro olhar frente à arte dos contos orais.

1 O Projeto de extensão “Era uma vez...”.

Inicialmente iremos apresentar o Projeto de extensão “Era uma vez...”, o qual fazemos parte como voluntários, portanto, nos sentimos confortáveis em afirmar que o “Era uma vez...” é uma ação extencionista do grupo CAPES/CAP/UERN. O mesmo objetivo é viabilizar as crianças o acesso ao mundo mágico da leitura e estimular o gosto pela leitura na cidade de Olho d’água dos Borges através de oficinas, e realizar capacitação aos professores das séries iniciais das cidades de Patu e Olho d’água dos Borges, patrocinando o contato com várias obras literárias, através das contações de histórias pelo grupo, o que se constitui como um ponto de partida para o incentivo da leitura. De forma lúdica, atrativa e divertida o projeto tem atendido várias turmas escolares desde 2012 (ano de sua criação). O Programa realiza oficinas consideradas de importância para realização das atividades que planejam.

ERA UMA VEZ – MINICURSO: É uma das atividades desenvolvidas no projeto, essa ação tem por objetivo geral capacitar mediadores de leitura nas cidades de Olho D’água dos Borges e Patu, sendo realizada na semana pedagógica de ambas. Com isso oferece estratégias para trabalhar a leitura de maneira ativa em sala de aula, utilizando recursos simples e prático, e despertar o gosto pela leitura.

ERA UMA VEZ – EM CENA: As atividades desta ação compreendem: a) Visitas semanais e alternadas (uma por semana) as escolas de Olho D’água dos Borges; b) encontros para (re) planejamento, tendo como parâmetro a avaliação realizada, com a participação da equipe executora e da professora coordenadora do projeto, enfim de todos os envolvidos; c) realização de rodas de leitura, junto à comunidade escolar e previamente com a equipe; d) apresentações teatrais, técnicas circenses e com fantoches, como estratégias para cultivar o interesse dos leitores, alunos e comunidade em geral pelos livros.

1.1 A Formação do Leitor

Formar novos leitores na atualidade é um desafio para todos os professores, pois além de educar a escola tem o papel de incentivar o gosto pela literatura na perspectiva de capacitação do cidadão. A história da literatura conta que antes só a classe burguesa tinha o acesso ao ensino literário, e com o passar dos anos pela preocupação de recebimento de heranças os herdeiros passaram a ter acesso também à literatura, e anos depois aconteceu à inserção da literatura nos colégios e assim a literatura infantil foi ganhando espaço em todas as classes sociais, e atualmente movimentando um grande espaço no mercado literário atual. A literatura é uma arte que já foi incorporada à escola e na verdade deveria ser algo que todas as crianças deveriam ter acesso de forma espontânea e não como noção de dever, de tarefa a ser cumprida, mas sim de prazer, de deleite, de descoberta, de encantamento afirma ABRAMOVICH (1991).

Por meio da divulgação da literatura dentro das instituições escolares é que os grandes clássicos das histórias ganharam espaço, com a inclusão dos livros de literatura na educação, e a divulgação do incentivo do gosto pela literatura autores de prestígio ficaram reconhecidos por meio dos seus belos livros. Podemos citar aqui algumas histórias que ficaram marcadas na formação do leitor como: A branca de neve, Chapeuzinho vermelho, A cinderela, O pequeno príncipe, A bela e a fera, Os três porquinhos, Pinóquio, João e Maria, entre outras. Os contos infantis, orais ou impressos, vêm encantando gerações de crianças no mundo inteiro e despertando o interesse investigativo de muitos pesquisadores.

A leitura como prática social é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal. Para tornar os alunos bons leitores, para desenvolver muito mais do que a capacidade de ler, o gosto pela leitura e um compromisso com ela, o professor deve mobilizá-los internamente, pois aprender a ler também é ler para aprender, e isso requer esforço, pois é por meio da leitura que o aluno enriquece o seu vocabulário, interage com o outro através das palavras e desenvolve seu raciocínio, ou seja, a criança, conforme se desenvolve, aprende a se entender melhor e a se relacionar com o mundo a sua volta.

Dirigindo-se a educadores e sua formação propõe-se um olhar sobre a criança de forma plena, considerando não só seu lado cognitivo, mas sua afetividade e sua importância na construção de um relacionamento de ensino-aprendizagem entre educador e educandos. Afinal uma prática de leitura que não desperte nem cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente. Os alunos devem ver na leitura algo interessante e desafiador, para se capacitarem bons leitores, como diz Manguel:

“Tenho o livro aberto diante de mim, sobre a minha mesa. Sei que a medida que avançar pelos capítulos, serei apresentado àquelas antigas famílias de leitores, alguns famosos, muitos obscuros, da qual faço parte. [...] Lerei sobre seus triunfos a perseguições, sobre suas descobertas quase secretas. E no final, compreenderei melhor quem eu – leitor- sou.” (MANGUEL, 1997, p. 27)

A leitura na escola tem que ser vista como essencial no processo de ensino/aprendizagem do aluno, e toda essa riqueza deve estar a serviço dos leitores. Quando se lê literatura, tudo se torna possível, pois nesse processo está presente a empatia – característica através da qual o leitor se identifica com uma ou mais e vive a aventura como se fosse o próprio personagem. Essas viagens podem ser feitas de diversos modos: Há as viagens mais longas vividas através da leitura de um romance; Existem as mais curtas saboreadas em um conto ou uma novela; Tem as micro-viagens por meio das fábulas e há os passeios lúdico-brincante-emocionantes vividos na poesia. Cada gênero apresenta uma riqueza tanto de conteúdo como de autores em toda a literatura, seja para o público adulto como para o público infantil.

Não é por ser para crianças que a literatura infantil é menos importante, e deixa de comportar menos gêneros literários do que a chamada “literatura para adultos”. A criança tem os mesmos direitos do adulto em relação aos gêneros. Daí é possível encontrar romances, novelas, contos, fábulas, poesias, peças de teatro, voltados para este público tão especial, tão único em suas características e exigências. Na literatura destinada a crianças predomina o lúdico, a brincadeira em primeiro plano, é a fuga do real, é a evasão. Daí a criança querer experimentar diversas vezes uma mesma história. Libertando-se deste pré-conceito sobre a literatura infantil, o leitor vai poder se deparar por viagens fantástico-maravilhosas que irão encantá-lo e conduzi-lo por territórios de sonhos, onde a imaginação reina absoluta. Esses voos são possíveis graças à possibilidade de variedade de textos nas obras destinadas a este público.

O professor como mediador no processo de ampliar o gosto pela leitura adquire o papel de desafiador, e, sobretudo incentivador sendo aquele que inventa momentos onde a leitura torna-se uma obrigação que é cometida por prazer. O educador tem que mostrar o gosto pela leitura, pois ele é o espelho para seus alunos. Com isso, asseguramos que a literatura “não se ensina, aprende-se com ela. Mas à medida que se aprende, é possível passar para os outros um pouco daquilo que o prazer da leitura deixou em nós” (MARTINS, 1994, p. 18).

Vale ressaltar que a escolha de obras da literatura infantil é feita considerando que a leitura das histórias infantis permite à criança a possibilidade de estabelecer um contato, de forma reflexiva, com situações que retratam papéis sociais destinados à eles na sociedade. Histórias que na quase totalidade dos casos são produzidas por adultos e eles estão transmitindo consciente ou inconscientemente valores e tipos de comportamento que poderão ser assimilados pelos pequenos receptores, por estarem em fase de formação.

Os contos de fadas são obras que retratam as situações de interação social, na vida real e no imaginário. Como nos diz BETTELHEIM (1979), os Contos de Fada nos permitem viajar para outro mundo, não menos real do que o nosso, desenvolvendo a fantasia e a imaginação enquanto estimula-se a mente. Proporciona o encontro com sonhos e anseios – através da identificação com os personagens – e, meios de proporcionar a busca de soluções dos problemas que habitam na mente da criança. Para a autora o conto de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler a sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual. Desta forma, cada criança verá nas histórias infantis um significado diferente, de acordo com as suas necessidades e interesse em cada fase de suas vidas.

Através de sua ludicidade, a literatura infantil permite voos imaginativos e um despertar da fantasia em qualquer um que se aproxime dela. A imaginação e a fantasia são características mais inseparáveis e disponíveis à infância que a idade adulta, daí um processo de identificação tão forte quando as crianças se aproximam de uma obra literária destinada a essa fase da vida. Sendo assim o professor não deve trabalhar com um leque estreito de opções e precisa conhecer muito da literatura, a relação que o professor estabelece com aquilo que ensina é muito importante porque o aluno poderá estar mais ou menos próximo do que aprende. Os estímulos e as provocações muitas vezes estimulam o desejo de aprender, e não apenas o conteúdo programado, porque assim eles poderão ser mais eficientes para que o aluno desenvolva a capacidade de adquirir conhecimento durante toda a vida. Portanto, é considerado essencial no processo educativo o incentivo a leitura a obras literárias infantis como fator de grande valor para formação do educando na sua formação enquanto ser social.

1.2 Os desafios de promover a literatura infantil

Quando se falado sobre estimular na criança o gosto pela leitura observamos um grande obstáculo frente a vários meios tecnológicos de entretenimento como a internet, a televisão, videogames, que acabam suprimindo o livro. É comum ver no cenário escolar professores, muitas vezes, obrigando os alunos a lerem certos livros com o intuito de realizar

provas e tarefas, muitos delas desinteressantes, assim os alunos podem sentir-se afastados do mundo da leitura, é claro que há exceções de professores que conseguem fazer da sala de aula um lugar onde seus alunos passam a adquirir o gosto pela literatura. E estes educadores tem muito que nos ensinar.

O docente que assume o papel de incentivar a leitura infantil é quem gera o primeiro contato das crianças com o livro, com o mundo do letramento, trazendo atrativos, sempre inovando na forma de contar e recontar, instigar a curiosidade sobre o autor da história, qual a origem, afinal contar é preferível a ler porque permite uma maior flexibilidade, moldada pelos que participam dela de acordo com os sentimentos internos dos ouvintes quanto à forma e o tempo das coisas acontecerem. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, [...] que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito. (BENJAMIN, 1994).

As crianças ao escutarem histórias infantis entram em contato com seu material inconsciente/latente, porém com um olhar externalizado, ou seja, ao identificar se com os personagens, as histórias possibilitam a criança ver-se “de fora” da situação, com um olhar mais distanciado e melhor perceber o problema posto e as sugestões para a solução. A partir daí, o professor pode optar para a criança recontar a história, como nos diz MORAIS (2002) a cada vez que se reconta uma história, esta é marcada pelo estilo, pelas interpretações de quem conta; renovada tanto por este, como também por quem ouve. Assim fazem os adultos e também as crianças.

A escola é o palco onde de encenam as diversas interações cognitivas e afetivas entre os sujeitos que a frequentam, não se limitando a sala de aula. A cada dia tem-se a inserção nas escolas em idades mais tenras e, por isto é um espaço de suma importância na vida da criança em sua ruptura do seio familiar. O educador não é um mero transmissor de conhecimentos acumulados e, sim um agente transformador e mediador do processo de ensino-aprendizagem da criança, que necessita, além dos conteúdos curriculares, da afetividade fundando uma relação de confiança mútua.

Ao trabalhar histórias infantis com os educandos pode-se desenvolver relações que estimulem o interesse destes aproveitando as questões pertinentes ao crescimento de cada faixa etária, considerando-os como sujeitos no processo educativo. Criar espaços de leitura na escola e incluir a fantasia e o respeito às emoções afloradas a partir das histórias no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento, a criança irá sentir-se respeitada e terá condições de ingressar na sociedade como sujeito responsável pelos seus atos de forma consciente.

Neste sentido desenvolver leitores desde pequenos não é uma tarefa fácil, solicita do próprio professor o gosto pela leitura, pois somente assim o mesmo irá repassar para seus alunos que ler não é só entender palavras, é sentir no mundo das letras a capacidade de criar soluções, se formar cidadão e de construir novos caminhos para formação de um mundo melhor.

2 Relatando a experiência metodológica e resultados vivenciados no projeto de extensão “Era uma vez...”.

Considerando que o incentivo a leitura e a literatura são os pilares essenciais para a formação intelectual do indivíduo foi que o Campus Avançado de Patu (CAP/UERN), Departamento de Educação, em parceria com o Curso de Pedagogia, através da professora mestra Maria Ghisleny de Paiva Brasil gerou-se o projeto de extensão “Era uma vez...”. O objetivo do Projeto de extensão é viabilizar o acesso ao acervo literário infantil e estimular o gosto pela leitura nas escolas de educação infantil da cidade de Olho D’água dos Borges, bem como, a capacitação de professores do município anteriormente citado e da cidade de Patu, favorecendo o contato com várias obras literárias, de forma lúdica e divertida o projeto tem atendido diversas turmas.

Como membros e bolsistas do projeto, como intermediários do incentivo a leitura estamos vivenciando experiências fantásticas como mediadores de incentivo a leitura infantil. As escolas municipais contempladas no município de Olho D’água dos Borges para a atuação do “Era uma vez...”, e a capacitação aos professores ocorreu como minicurso na Escola Municipal Francisco Francelino de Moura, durante a semana pedagógica, em Patu.

As histórias infantis têm a o papel de incentivar a leitura e o nascimento da literatura como arte, objetivando transmitir valores que determinam atitudes éticas, que possibilitam a melhor convivência, tanto no ambiente escolar como fora do mesmo. E em nossa primeira atuação nas escolas municipais de Olho D’água dos Borges com o “Era uma vez...” iniciou-se no mês de Julho de 2012, para o primeiro dia de atuação foi programada diversas atividades que atendessem aos diversos públicos infantis contidos nas escolas, pois como era nossa primeira apresentação agrupamos os alunos do ensino infantil e os alunos dos anos iniciais, as atividades realizadas foram contações de histórias, tendo como destaque para o cordel “A lenda da Iara”, da autora Neide Batista, em seguida reconto pelos estudantes e atividades dirigidas.

Outra atuação muito importante foi no dia 12 de Agosto de 2012, na festa em comemoração ao dia das crianças, na Escola Estadual Dr. Edino Jales, a convite da

coordenadora do projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), fazendo a contação de história dos três porquinhos para todos os alunos do período matutino. Sempre trabalhamos com o universo lúdico das histórias contadas trazendo os personagens para fora do livro, utilizando fantasias, criação de cenários, músicas relacionadas à história, entre outros.

Uma vez por semana acontece uma reunião para planejamento da atuação para a semana seguinte, naturalmente era feito uma seleção inicial da história que seria contada para as crianças, levando em conta, entre outros fatores, o ponto de vista literário, o gênero, o interesse dos ouvintes, a faixa etária, afinal escolher que história contar é um passo muito demorado, e por isso é recomendável cuidado para evitar tropeços depois. De acordo com Betty Coelho (1997), nem toda história vem, no livro, pronta para ser contada. A linguagem escrita, por mais simples e acessível, ainda requer adaptação verbal que facilite sua compreensão e a torne mais dinâmica, mais comunicativa. Sendo assim é possível perceber que a escolha da história que será contada em sala de aula é de vital importância para envolvermos os alunos na contação de história e principalmente desenvolver seu interesse.

Levar histórias para a sala de aula, e em especial os Contos Clássicos, pode permitir às crianças viajarem por outro mundo, vivendo momentos de alegria e de medo, desenvolvendo a fantasia e estimulando o pensamento. Os contos abrem espaços para que as crianças deixem fluir o imaginário e despertem a curiosidade. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivem e atravessam, de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados e resolvidos pelos personagens.

Os participantes do “Era uma vez...” entendem que a criança precisa vivenciar o mundo do faz de conta, da magia, do encantamento, e as histórias infantis proporcionam um momento lúdico movido de imaginação. Diante disso é desenvolver habilidades, por meio da observação que lhes possibilitem contar suas histórias de maneira mais elaborada, criando assim o hábito de ouvir histórias, como também o respeito à pessoa, que se dispõe a falar, estimulando o diálogo entre as próprias crianças e o educador, encorajando-as a examinar e explicar suas opiniões, o que tornava momentos inesquecíveis durante as atuações do programa, os olhos brilhantes, cada gesto e sorriso de felicidade das crianças.

Com sucesso obtido pelo “Era uma vez...”, o trabalho bem aceito pela escola e bem acolhido pelas equipes pedagógicas das mesmas, e a sensação de dever cumprido a cada dia, sentimos a necessidade de compartilhar a prática de contar histórias infantis entre educadores, uma vez que através destes torna-se mais fácil para as crianças ao ver-se “de fora” das

situações pode-se comentar acerca da história falando dos seus sentimentos, em relação a esta, apoiando-se nos personagens e nas situações vividas pelo herói. Credo que é importante na formação de professores estarmos em contato com esse conhecimento sobre os processos a respeito das histórias infantis uma vez que entendida sua linguagem simbólica estas histórias se revelam como um amplo acervo de experiências emocionais.

Levamos o tema como minicurso às cidades de Olho D'água dos Borges e de Patu, durante a semana pedagógica respectiva de ambas, tendo como base que a contação de histórias ocorre no mundo escolar há muitos anos e, muitos professores ainda não descobriram que as histórias infantis podem ajudá-los em sua missão de educadores, identificando qual o momento de audição de histórias, levando-os a perceber também através das histórias como elas podem auxiliar no processo de desenvolvimento individual dos alunos, tanto dentro da escola, como também nas suas relações sociais em outros espaços.

Por fim, as experiências desenvolvidas no projeto de extensão “Era uma vez...” estão sendo de muito valor para nossa formação enquanto futuros educadores, durante o programa é possível compreender que trabalhar com a fantasia das histórias infantis, é algo de fundamental importância no processo do desenvolvimento da aprendizagem das crianças, porque favorece a socialização e a ampliação das habilidades. Ressaltando ainda que é bastante válido o empenho e a colaboração da professora mestra Maria Ghislény de Paiva Brasil, junto ao nosso trabalho, trazendo para nós que os contos proporcionam a oportunidade de a criança utilizar seu inconsciente, condição básica para se conhecer o significado profundo da vida.

Considerações Finais

O Projeto de Extensão “Era uma vez...” tem como objetivo maior de estimular a leitura e promover a literatura infantil, e vem mostrar que a prática de leitura implantada na educação é a base para construção de um cidadão crítico. Discussões a cerca das atitudes do professor para que o aluno amplie o gosto pela leitura não se esgota por aqui. Sabemos da necessidade de realiza pesquisas mais profundas referentes a influencia das histórias infantis frente à prática de leitura desenvolvida na escola desde o ensino infantil. Por conseguinte, a força criadora e a sabedoria profunda presentes nas histórias infantis e seu conteúdo rico, ajudam as crianças a encontrarem o caminho para a realização pessoal e social. Portanto conclui-se que todos os projetos criados relacionados à construção de leitores na infância, aproximando dessa forma cada vez mais o educando da leitura, daí a importância que se permaneça ativo procurando uma melhor qualidade na educação do nosso país.

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil Gostosuras e Bobiches**. 2º edição. São Paulo, Scipione, 1991.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- COELHO, Betty. **Contar Histórias Uma Arte Sem Idade**. São Paulo. Ática, 1997.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo, Companhia das letras, 1997.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994 (coleção primeiros passos).
- MORAIS, Jacqueline de F. dos Santos. **Histórias e narrativas na educação infantil**. In: Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas. Regina Leite Garcia (org). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.